



## DIREITOS HUMANOS

### AS FLORES DA RESISTÊNCIA QUE NASCEM DO CAMPO\*

#### **PALAVRAS-CHAVES:**

Mulheres do campo.  
MST.  
Territórios quilombolas.  
Sororidade.

#### **MENDES, B. C. T. & FREITAS, E. O.**

<sup>1</sup>Discente Bacharelado Direito, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas/UEFS. Bolsista PIBEX

<sup>2</sup>Professor Orientador, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas/UEFS

\*Projeto de Extensão Direito e Movimentos Sociais (RESOLUÇÃO CONSEPE n. 053/2012)

#### **Introdução**

Com o intuito de compartilhar com a comunidade acadêmica e aquelas que lhe tem acesso o resultado obtido com a pesquisa realizada pelo Projeto de Extensão Direito e Movimentos Sociais por meio dos planos de trabalho Diálogos Sócio-Jurídicos do Movimento Feminista inserido no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Protagonismo feminino nos movimentos sociais: uma visão jurídica do feminismo rural, apresenta-se este resumo junto para composição dos Anais da 14ª Jornada de Extensão da UEFS.

É possível, portanto, notar que houve uma maior compreensão da importância feminina dentro do campesinato, enveredando, inclusive, para uma visão epistemológica que foge dos ditames da filosofia feminista, focando a partir de então num estudo das relações de gênero, partindo do proposto por Vilênia Aguiar (2017), Miriam Nobre (2020) e Millie Thayer(2001).

O objetivo geral dos planos de trabalho e do Projeto de Extensão foram atingidos, já que se criou uma ponte de comunicação entre as comunidades, podendo assim exercer o trabalho de assessoria e para além disso foi possível o entendimento de como ocorrem as

relações do povo com a terra e entre si fora do âmbito urbano.

## **Materiais e Métodos**

Na perspectiva metodológica, é sabido que a observação participante ou pesquisa-ação necessita de materiais e recursos além dos computadores e livros para pesquisa e formulação de textos, resumos e afins e, também, houve a necessidade de deslocamentos, materiais para divulgação de eventos, equipamentos para registrar fotos e gravar vídeos dentre outros aparatos que foram supridos com esforço e investimento pessoal dos extensionistas envolvidos no projeto.

Assim, em todos os espaços que fomos, como no Acampamento Estrela Vive, localizado em Feira de Santana, a escola de alfabetização situada em Santo Amaro (BA), que tem corpo docente totalmente formado por mulheres do Assentamento 05 de Maio, os recursos foram articulados a partir de outros grupos dentro da Universidade. Nesses espaços, a atuação do Projeto de Extensão foi marcada pela criação de uma rede de apoio sociojurídico que possibilitou a articulação dessas comunidades com outros espaços como o Núcleo de Prática Jurídica e o Serviço de Assistência Jurídica do curso de Direito da UEFS.

A escassez de materiais então ficou mais latente quando o Projeto de Extensão foi englobado pelo Grupo de Trabalho Conflitos Socioambientais (Portaria 589/2019), que teve como momento de consolidação a mobilização das comunidades universitárias (UEFS, UFRB, UNEB, UNILAB e IFBA – Campus Feira de Santana) face a construção de uma linha de transmissão LT 500 kv Porto Sergipe-Olindina-Sapeaçu, que trará grandes impactos para a vida nas comunidades rurais a serem atingidas por tal instalação.

Foi preciso muito deslocamento e coleta de dados para fazer a divulgação deste empreendimento junto às comunidades envolvidas no conflito. A ação extensionista consistia no diagnóstico sobre a forma como a empresa responsável pela obra operava e qual era o posicionamento do Governo municipal e dos órgãos envolvidos no licenciamento ambiental do empreendimento. Visitamos em torno de oito comunidades rurais e/ou quilombolas para apresentar elementos importantes para o empoderamento da população.

A partir do contexto imposto pela pandemia do Novo Coronavírus, foi necessária uma adaptação ao momento que exigia distanciamento social. Passamos a investir na capacitação para realização de transmissões ao vivo, fazendo reuniões à distância. A extensão ficou cada vez mais dependente de relatos e das redes sociais para comunicação. Tais adequações trouxeram uma maior

dificuldade na produção textual, já que as adversidades resultantes dos conflitos socioambientais permaneceram e se tornaram mais escancaradas com o advento da pandemia.

O método utilizado para realizar a Extensão foi baseado na ação concreta nos conflitos, configurando um intenso exercício de observação participante (BRANDÃO, 1999). Em julho, o projeto passou a atuar e constituir um grupo de trabalho que foi criado para prestar assessoria interdisciplinar às comunidades atingidas por conflitos socioambientais no Território do Portal do Sertão. Aqui, foram produzidos textos, documentos e relatórios utilizados para intervir na correlação de forças em processos administrativos, judiciais e extrajudiciais.

Fazer o encontro entre a realidade maculada por um olhar de estranhamento e os estudos que também contam com esse olhar é um trabalho repleto de complexidades por exigir separar a militância do olhar crítico da pesquisa. E, ainda assim, manter uma relação de proximidade profissional para com as comunidades acompanhadas, não esquecendo que:

Embora pessoal, toda vivência tem como suporte os ingredientes do coletivo em que o sujeito vive e as condições em que ela ocorre. O senso comum pode ser definido como um corpo de conhecimentos provenientes das experiências e das vivências que orientam o ser humano nas várias ações e situações de sua vida. (MINAYO, 2012, p.621)

Assim, outro aspecto importante é a relevância do empoderamento dos indivíduos,

enxergando-os como pessoas, porém levando em conta também sua participação dentro de um coletivo, ampliando, assim, o alcance de suas vozes e demandas. Através de uma análise de proximidade, é possível perceber essa dimensão de tensão entre a estrutura da luta do movimento e a agência de cada sujeito no espaço público e coletivo.

## **Resultados e Discussões**

Os resultados da Extensão passaram a ser sistematizados na proposta de trabalhar com uma categoria de análise das relações que viabiliza a participação das mulheres na política e na produção. Assim, começou a ser formulado o estudo sobre a capacidade que grupos de mulheres têm de se organizar em prol da produção de renda e da participação política dos espaços impactados pelo sexismo dentro e fora dos seus espaços de luta, e tal estudo culminou no início da construção da categoria “sororidade concreta”

Foi possível observar que essa capacidade de se colocar no lugar da outra e assim viabilizar estruturas auto-organizativas se faz presente em todos os aspectos da vida coletiva e rural.

Elas atuam com protagonismo nas demandas políticas e na produção de renda para suas famílias e comunidade como um todo, no entanto, a escassez de estudos sobre as camponesas na política e sua consequente mínima divulgação dificulta o reconhecimento

externo e principalmente interno dessa organização. Muitas mulheres terminaram internalizando nelas mesmas essa condição de inexistência enquanto produtoras de valores de troca (THAYER, 2001, p.109).

As demandas que se organizaram em torno dos conflitos socioambientais foram trazidas ao grupo de trabalho por mulheres, que se tornaram receptáculos de informações ao mesmo tempo que se mantinham produzindo para si e sua comunidade. Tais considerações ampliam a gama de questões para entender quais as condições que permitem o exercício dessa capacidade e como esta tem sido transmitida para as gerações mais novas. Como esse protagonismo é sentido pela comunidade e dentro dos espaços mais íntimos e, ainda, como as mulheres se percebem sendo detentoras dessa capacidade.

Desta compreensão surgiu a progressão da categoria sororidade concreta, que já foi

apresentado em um simpósio nacional voltado para gênero e políticas públicas durante a pandemia do Novo Coronavírus. Outro resultado, é reconhecer a importância do povo que coloca comida na nossa mesa todos os dias, seguindo o famoso ditado: “Se o campo não planta, a cidade não janta.”

## Referências

NOBRE, Miriam. **Mulheres na economia solidária**. In: CATTANI, Antônio (Org.) A Outra Economia. Editora Veraz e Unitrabalho, Porto Alegre, janeiro de 2020. 10p.

THAYER, Millie. “**Feminismo transnacional: Re-lendo Joan Scott no Sertão**”. Revista Estudos Feministas 9(1), 2001, pp. 103-130.

AGUIAR, Vilênia V.P. **O trabalho das mulheres nos espaços rurais: algumas reflexões**. RAÍZES, v.37, n.2, janeiro de 2017. 16p.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues (Org.). 1999. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense.